

PÁGINAS ACRESCENTADAS OU DESTACADAS?
GRAVIDEZ NA TRAJETÓRIA DE MULHERES JOVENS
NO CABO DE SANTO AGOSTINHO-PE

Shirley Samico – UFPE

Laís Rodrigues -UFPE

Ana Cecília Cuentro - UFPE

Marion Teodósio de Quadros - UFPE

Jaileila de Araújo Menezes - UFPE

Felipe Rios – UFPE

Rosineide Cordeiro - UFPE

Karla Galvão Adrião - UFPE

INTRODUÇÃO

Historicamente as abordagens nacionais sobre gravidez na adolescência se referem, em geral, a noções de “problema” e de “risco” (HEILBORN, 2003). Geralmente, a idade e a classe social atuam enquanto demarcadores fundamentais nas avaliações negativas em relação à gravidez e a sexualidade. A associação da adolescente grávida a significados negativos da gravidez e da adolescência pode ser considerada como um mecanismo de atuação do “dispositivo da sexualidade” (FOUCAULT, 2007), que institui normas sociais e de controle que governam a sexualidade tanto no âmbito da subjetividade quanto no das instituições e governos.

O presente trabalho pretende evidenciar que a gravidez na adolescência não necessariamente é negativa, notadamente quando se leva em conta o ponto de vista da jovem. O que se percebe é que o evento ocasiona mudanças na vida da adolescente. Assim, chama-se atenção para as continuidades e/ou descontinuidades ocasionadas nas trajetórias de duas adolescentes que vivenciaram o evento da gravidez.

Essas jovens estão localizadas no litoral Sul da cidade de Recife, praia de Suape e a cidade do Cabo de Santo Agostinho, ambos localizados no município do Cabo de Santo Agostinho. Nas últimas décadas, essa região vêm iniciando uma série de transformações econômico-estruturais a partir da implantação do Porto de SUAPE e junto com ele, a refinaria Abreu e Lima e o estaleiro.

Ambas as adolescentes são de classe baixa e o acontecimento da gravidez significou rupturas nas suas vidas. No entanto, a depender do ponto de vista delas, esta ruptura pode ser encarada como negativa ou positiva. Uma delas (a jovem de 18 anos- Praia de Suape) considera que a gravidez trouxe conseqüências negativas, em termos de seus planos futuros, pois ela teve que abrir mão da sua vida profissional, do lazer e rede de amigos, a fim de assumir responsabilidades domésticas e cuidados com o filho(a)s. A outra planejou a gravidez e considera que tais rupturas fazem parte das conseqüências de sua escolha, inclusive considerando ser sua vida melhor depois que engravidou, pois trouxe consigo uma noção de responsabilidade e a necessidade de amadurecimento, que antes não era percebida por ela.

Este trabalho é de ordem qualitativa, e faz parte do Projeto intitulado “Significados e práticas relacionadas à gravidez na adolescência em diferentes redes de convívio e apoio: um estudo comparativo entre as mesorregiões da região metropolitana do Recife e do Sertão

(PE)”, com financiamento da FACEPE (2010/2012), baseada em entrevistas semi-estruturadas e observações de campo em Santa Cruz da Baixa Verde, Cabo e Recife.

O presente trabalho visa problematizar a questão da autonomia e independência, relações de poder, como também ausências e/ou insuficiências de mecanismos de políticas públicas que garantam serviços de creches, bolsas de apoio financeiro, etc.

PARA CONTEXTUALIZAR O TEMA

Cristiane Cabral (2002) destaca que a abordagem da gravidez na adolescência como um problema social está presente em diversos setores da sociedade, transformando-a em alvo de discursos e ações. A área médico-epidemiológica, as produções acadêmicas, os estudos sócio-demográficos e os estudos psicossociais geralmente contribuem para o desenvolvimento de uma etiologia multicausal que busca identificar e quantificar fatores de risco e atribuir o qualificativo precoce à ocorrência da gravidez neste período da vida. Além da priorização de fatores ligados à fisiologia, são levantadas questões em relação à manutenção da pobreza por conta do abandono escolar e da baixa capacitação para o mercado de trabalho (ALMEIDA, 2002).

Esta estigmatização da gravidez na adolescência como sempre e a priori indesejada, não planejada e geradora de consequências nefastas para a vida dos jovens e da sociedade em geral, reproduz e perpetua abordagens inapropriadas sobre o tema e a elaboração de ações que visam exclusivamente a prevenção da gravidez, a despeito dos jovens quererem tornar-se pais e mães. Assim, para além da visão unicamente voltada para os possíveis aspectos negativos relacionados à gravidez na adolescência, há que se considerar tratar-se de um fenômeno complexo que envolve diversos fatores, sejam eles educacionais, sociais, familiares, dentre outros (LYRA-DA-FONSECA, 1997; QUADROS, 2007).

Cabral (2002) alerta ainda que parte do enfoque dado aos relacionamentos afetivo-sexuais de jovens e à gravidez na adolescência é pautado em uma noção naturalizante, que busca estabelecer padrões de normalidade e é, geralmente, carregada de juízos de valor. Tal postura favorece uma visão linear dos eventos que envolvem as experiências de jovens, de modo que se caminha no sentido de identificar causas e efeitos com a intenção de adotar posturas preventivas e, por vezes, inadequadas, porque descontextualizadas. Assim, são propagadas ideias alarmistas que servem para a reprodução de pré-conceitos e a manutenção do *status quo*, tanto no que se refere aos relacionamentos afetivo-sexuais dos jovens, quanto

as suas trajetórias educacionais e profissionais e, mais especificamente, em casos de ocorrência de uma gravidez.

A gravidez na adolescência pressupõe o exercício da sexualidade num momento da vida nem sempre aceitável pela sociedade. Elaine Brandão (2004) aponta que há um descompasso entre a visão social sobre os relacionamentos dos/as jovens e a visão destes/as sobre seus próprios relacionamentos e entre as exigências de engajamento dos/as jovens em atividades valorizadas socialmente e a real possibilidade deste engajamento por conta de impedimentos políticos e econômicos. Neste sentido, há uma contradição entre a ideia de liberação sexual, tão disseminada atualmente, e a normatização da sexualidade, através do estabelecimento de uma trajetória sexual a ser seguida no curso de vida dos indivíduos, bem como do desempenho esperado (BOZON, 2004; FOUCAULT, 2007).

Assim, ao mesmo tempo em que são anunciados diferentes pontos negativos ligados à gravidez na adolescência, pode-se dizer que há uma certa valorização da maternidade e da paternidade, tendo em vista que se tornar pai ou mãe, ter um filho, é considerado como algo nobre, motivo de merecimento de um outro e mais elevado *status* social (CABRAL, 2003; SALEM, 2004). A maternidade é utilizada e valorizada em nossa sociedade como prova de feminilidade, associada à noção de gravidez/reprodução como realização, como critério de saúde e maturidade (BARKER; CASTRO, 2002).

Aquele/a que se torna pai e mãe demonstra a sua masculinidade e feminilidade, a sua contribuição para o desenvolvimento da população e a sua potencialidade para adquirir maiores responsabilidades. A maternidade e a paternidade entre os/as jovens costuma ser considerada o evento que precipita a entrada para a adultez, expressa pela mudança no estilo de vida, de modo a lhes conferir honra e dignidade, momento em que passam a ser reconhecidos como mulheres e homens (SARTI, 2007; LONGHI, 2001; QUADROS 2006). Isto pode implicar, por exemplo, no abandono da criminalidade e do envolvimento com drogas, seja ele o uso e/ou o tráfico, ou na ponderação sobre esta alternativa, bem como abre-se possibilidade para novas relações e famílias, companheiras, filhos e, por conseguinte, novas obrigações (RODRIGUES, 2009).

Marion Quadros (2007) refere os/as jovens como ativos/as na organização de suas vidas, expressando conhecimentos e escolhas em relação aos métodos contraceptivos, às práticas sexuais, ao casamento, à procriação etc. Salienta ainda que estes são comportamentos que mudam a partir de diferentes indicadores, tais como idade, escolaridade, religião, existência e quantidade de filhos.

A mesma autora (2004) relata que muitos dos informantes de sua pesquisa de doutorado colocam sobre a mulher a responsabilidade pela contracepção. A escolha do método contraceptivo tem forte relação com o tipo de relacionamento com a parceira sexual. Classificações das mulheres, escolhas e decisões em assumir ou não responsabilidades se estendem da prática contraceptiva ao exercício da paternidade. Além do julgamento a respeito da conduta da mulher com quem manteve relações sexuais, o homem pode ou não decidir assumir o filho ou assumir o filho e a mulher, baseado na avaliação que ele faz da trajetória de vida dela. Ou seja, se aquele é considerado um momento adequado pelo homem para ser pai e se esta seria uma mulher apropriada para ser mãe de seu filho e/ou casar.

Assim sendo, os comportamentos sexuais tendem a ser interpretados em função dos contextos e situações relacionais, porém, ainda é notório um regime de regras e atribuições marcado pela diferença entre homens e mulheres. “O cenário da sexualidade muito se alterou no que diz respeito à família, mas não produziu um panorama de liberdade. Os constrangimentos sociais que enquadram a sexualidade foram em parte alterados, em parte acomodados às antigas prescrições de gênero” (HEILBORN, 2004, p. 9-10). Ao invés de um relaxamento dos controles sociais, houve uma interiorização dos quadros, repertórios e significados das interações sexuais, através da normatização das relações entre os indivíduos. “As relações de gênero e as relações entre classes sociais, bem como entre grupos culturais ou étnicos, estruturam as percepções do possível, do desejável e da transgressão em matéria de sexualidade” (BOZON, 2004, p. 61).

METODOLOGIA

Situada dentro de um projeto maior, já referido no início deste texto, a presente pesquisa se desenvolveu na região metropolitana do Recife, mais especificamente na Praia de Suape e na cidade do Cabo de Santo Agostinho. Nela foram contatadas duas jovens, uma em cada uma das localidades, com idades de 18 e 16 anos, respectivamente.

Tendo em vista a noção de rede, a experiência da gravidez na adolescência foi acessada a partir de um conjunto de atores que, de alguma forma, se relacionavam com a jovem. Tais atores foram selecionados por se tratarem de importantes referências para o acontecimento e os desdobramentos da gravidez na adolescência. Portanto, além das mulheres jovens grávidas e mães, outras pessoas contribuem, ao longo das interações em variados contextos de desenvolvimento (família, escola, unidades de saúde, etc), no processo de

subjetivação, para dar sentido e constituir as experiências sexuais, e, por conseguinte a carreira reprodutiva da jovem.

Assim, além das próprias jovens, a madrasta, o pai e uma cunhada da jovem do Cabo de Santo Agostinho, e a mãe, esposo, vizinha, cunhada e sogra da jovem da Praia de Suape participaram da pesquisa. Ou seja, foram entrevistadas também pessoas que representam apoio (ou a falta deste) à jovem durante a gravidez e os cuidados com a filho/a.

As jovens participantes desta pesquisa vivenciaram a situação da gravidez na adolescência nos últimos doze meses, uma ainda estando grávida no momento da pesquisa e a outra com um bebê com idade de um mês e vinte dias. Estas adolescentes foram indicadas através de rede de relação, ou sugestão de pessoas em busca ativa na comunidade, e foram tomadas como sementes para a formação das redes abordadas.

Os roteiros de entrevistas tiveram um foco biográfico (SALEN, 1978), de modo a abordar o trajeto histórico da gravidez de cada menina (desde antes da gravidez, nas suas primeiras experiências sexuais). Do mesmo modo, ao narrar a história da gravidez na adolescência de alguém, os diferentes atores também foram chamados a se posicionar sobre a socialização sexual das jovens, contracepção e o lugar da gravidez na trajetória de vida de uma adolescente.

Por fim, as informações foram analisadas a partir da análise temática de conteúdo (BLANCHET e GOTMAN, 1992; BARDIN, 1977), buscando pelas recorrências nas cadeias de significação, identificadas para cada categoria de ator. Foi feito o aprofundamento de eixos apontados pela literatura como importantes para a compreensão do fenômeno, sendo eles: socialização sexual e reprodutiva; projeto de vida das meninas.

Além disso, o evento gravidez e o evento maternidade foram considerados pelo conjunto de significados atribuídos pelas pessoas que entrevistamos e não apenas aqueles referidos pela jovem grávida ou pela jovem mãe. Neste momento buscamos captar como os temas identificados na análise anterior ganham matizes específicos nas interações estabelecidas por cada uma das meninas.

DISCUSSÃO

Percebe-se que a gravidez na vida dessas duas jovens foi vivenciada de modos diferentes; as gestações ocorreram em fases distintas da vida delas, sendo uma planejada e a

outra não. O evento da gravidez se configurou enquanto ruptura, no entanto, a depender do ponto de vista delas, esta ruptura pode ser encarada como negativa ou positiva. Uma delas (a jovem de 18 anos) considera que a gravidez trouxe consequências negativas, em termos de seus planos futuros, pois ela teve que abrir mão da sua vida profissional, do lazer e rede de amigos, a fim de assumir responsabilidades domésticas e cuidados com o filho(a)s.

A outra planejou a gravidez e considera que tais rupturas fazem parte das consequências de sua escolha, inclusive considerando ser sua vida melhor depois que engravidou, pois trouxe consigo uma noção de responsabilidade e a necessidade de amadurecimento, que antes não era percebida por ela. Desta forma, não apenas a imagem dela sobre si mesma tornou-se mais positiva, mas também a maneira como os outros entrevistados de sua rede a avaliam: a gravidez e também o casamento a tornou mais responsável, com uma vida menos desregrada, “livre de bagaceira, de drogas”.

No entanto, isto não implica na ocorrência da gravidez ser avaliada pela rede desta jovem como algo positivo. Ao contrário do plano da jovem, que era engravidar e casar, sua rede refere que “menino empata muito”, que “a gravidez foi ruim” e que o companheiro dela a “trata como escrava, sai e não a leva”, denunciando que suas expectativas em relação à jovem eram outras, mais voltadas para questões educacionais e profissionais.

Nesta mesma direção, Brandão (2004) salienta que há uma expectativa parental de engajamento dos filhos nos estudos e na construção de uma carreira profissional. Sendo assim, há um descompasso entre as expectativas sociais e as reais possibilidades de muitos contextos que apresentam uma defasagem entre uma iniciação sexual mais precoce e o processo de conclusão do ensino médio, as possibilidades de entrada no curso superior e inserção no mercado de trabalho.

Para as jovens, a gravidez estabelece uma distancia entre a vida profissional/social e a vida familiar. Ao abandonar os estudos e/ou o trabalho, essas jovens passam a depender do companheiro e familiares, bem como a ter dificuldades para garantir o desenvolvimento de sua vida profissional. Tais situações são agravadas devido a ausência e/ou insuficiência de apoio da família, de mecanismos de políticas públicas que garantam serviços de creches, bolsas de apoio financeiro, etc. A situação que elas vivenciam com seus companheiros sinaliza um estreito laço de dependência, dominação e tutela, na qual são impedidas de sair com amigas, estudar, trabalhar sem permissão do companheiro, ficando reclusas à casa e ao cuidado do(a) filho(a). No entanto, faz-se imprescindível ressaltar que não foi a gravidez na adolescência que precipitou o abandono escolar. Este está mais vinculado ao desinteresse

pelos estudos, muitas vezes relacionado ao modo como o ensino público em nosso país está organizado; e, à vontade de casar e constituir a própria família, o que a tornaria dona de casa e dependente do marido, tanto financeiramente, quanto socialmente (o que significa a possibilidade de que ele a proíba de frequentar a escola, uma possibilidade ainda muito frequente). O relato da adolescente residente na Praia de Suape descreve essa afirmação: “eu quero voltar a estudar, só que ele não quer não”, no caso da outra jovem, residente na cidade do Cabo, uma das pessoas da sua rede ilustra isto: “o marido não vai deixar ela estudar de jeito nenhum”.

Além disso, as jovens parecem sair da tutela familiar, onde o exercício de sua sexualidade não é reconhecido, sendo na maioria das vezes silenciado ou tratado sob o enfoque preventivista, como pode ser observado em relação à jovem do Cabo de Santo Agostinho, que a madrastra diz que não conversavam sobre o assunto, mas sempre disse a ela “a AIDS tá virada”. Na realidade, sair da tutela da família de origem significa passar para a tutela do companheiro, que não só pode a proibir de estudar, como também de se relacionar com algumas amigas, que passam a ser consideradas inapropriadas para manter amizade com uma mulher casada e mãe. Estas amigas poderiam ser importantes fontes de construção de significados e conhecimentos em relação à sexualidade e aos métodos contraceptivos. Ou seja, as jovens acabam saindo de uma situação em que sua sexualidade era silenciada, para outra em que a sexualidade é evidenciada por conta da gravidez, mas desconsiderada como fonte de construção de significados, direitos e prazer.

Se, de um lado, a família de origem ou a de procriação não constituem relações que propiciem a promoção de direitos sexuais e reprodutivos das jovens, de outro lado a escola e os postos de saúde também não conseguem se constituir em espaços que favoreçam a vivência da sexualidade como um direito, possibilitando acesso a informações e diálogos sobre sexualidade e métodos contraceptivos com essas jovens. Portanto, essa nova vida marcada pela gravidez, está permeada pela dificuldade de autonomia e independência, tanto no caso em que a gravidez não foi planejada quanto no caso em que ela fazia parte do projeto de vida da jovem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se concluir que a gravidez na adolescência acontece numa pluralidade de contextos, sempre passíveis de modificações. Elementos tais como a camada social, o nível de

escolaridade, o modo de organização familiar, o grupo social ou étnico, o tipo de relacionamento em que a concepção ocorreu, devem ser levados em conta junto com questões relativas à disponibilidade de serviços de saúde, as características da abordagem dada à gravidez na comunidade da jovem e as possibilidades de construção de significados sobre o assunto e de reavaliação da imagem de si.

A gravidez na adolescência, sendo ou não planejada pela jovem, precisa ser abordada a partir de outro prisma, aquele que inclui a promoção dos direitos sexuais e reprodutivos, sob pena de continuarmos invisibilizando a vida sexual das jovens. O processo de invisibilização a que estamos nos referindo, compõe os mecanismos de atuação do dispositivo da sexualidade que têm contribuído para promover a dificuldade de autonomia e independência das mulheres jovens.

Acreditamos que esta discussão pode beneficiar profissionais da saúde e da educação que trabalham no combate ao risco e a vulnerabilidades da população estudada, proporcionando ferramentas para políticas e ações alinhadas à promoção de direitos sexuais e direitos reprodutivos para a população jovem. Neste sentido, a própria população jovem também pode ser beneficiada na medida em que os resultados da pesquisa buscam contribuir para a promoção de maior respeito e reconhecimento das especificidades da saúde e dos direitos sexuais, bem como da saúde e dos direitos reprodutivos deste grupo populacional.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Margareth Aparecida Santini de. Gravidez adolescente: a diversidade das situações. **Revista Brasileira de Estudos de Populações**, v.19, n.2, p 197-208, jul./dez. 2002.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Rio de Janeiro: Ed. 70, Br, Ltda, 1977.

BARKER, S. L.; CASTRO, D. M. F. Gravidez na adolescência: dando sentido ao acontecimento. In: JEFFERY, M. L. (coord.); KOLLER, S. H. (org.). **Adolescência e psicologia: concepções, práticas e reflexões críticas**. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Psicologia, 2002. p. 78-84.

BLANCHET, A. e GOTMAN, A. L'enquête et lês methodes. In: SINGLY, F. **L'enquête et lês methodes: l'entretien**. Paris, 1992.

BOZON, M. **Sociologia da sexualidade**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

BRANDÃO, E. R. Iniciação sexual e afetiva: exercício da autonomia juvenil. In: HEILBORN, M. L. (org.). **Família e sexualidade**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. p. 63-86.

CABRAL, C. “Gravidez na adolescência” e identidade masculina: repercussões sobre a trajetória escolar e profissional do jovem. **Revista Brasileira de Estudos de População**. São Paulo, v. 19, n. 2, p. 179-195, jul/dez, 2002.

CABRAL, Cristiane S. Contraceção e gravidez na adolescência na perspectiva de jovens pais de uma comunidade favelada do Rio de Janeiro. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, n.19, suplemento 2, p. 5283-5292, 2003.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade**: a vontade de saber. 18. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2007.

HEILBORN, M. L. Família e sexualidade: novas configurações. In: HEILBORN, M. L. (org.). **Família e sexualidade**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. P. 9-14.

_____. Estranha no ninho: sexualidade e trajetória de pesquisa. In: VELHO, G & KUSCHNIR, Karina. Pesquisas Urbanas: desafio do trabalho do antropológico. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2003.

LONGHI, M. **Ser homem, pobre e pai**. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2001.

LYRA-DA-FONSECA, J. **Paternidade adolescente**: uma proposta de intervenção. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 1997.

QUADROS, M. T. de Jovens, contraceção e conversas com os pais: comparando opiniões de moças e rapazes de famílias urbanas e rurais. In: SCOTT, P.; ATHIAS, R.; QUADROS, M. (org.). **Saúde, sexualidade e famílias urbanas, rurais e indígenas**. Recife: Editora Universitária – UFPE, 2007. p. 75 – 95.

QUADROS, M. T. de. Paternidade, trabalho doméstico e envolvimento com os/as filhos/as. In: CAMPOS, R.; HOFFNAGEL, J. (org.). **Pensando família, gênero e sexualidade**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2006. p. 59 – 98.

QUADROS, M. T. de. **Homens e a contraceção**: práticas, idéias e valores masculinos na periferia do Recife. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2004.

RODRIGUES, L. **Entre relacionamentos, circulações e rearranjos**: configurações familiares no contexto da paternidade na adolescência. 2009. 154p. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – UFPE, Recife.

SALEM, T. “Homem... já viu, né?”: representações sobre sexualidade e gênero entre homens de classe popular. In: HEILBORN, M. L. (org.). **Família e sexualidade**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. p. 15-62.

SALEM, T. Entrevistando famílias: notas sobre o trabalho de campo. In: NUNES, E. (org.) **A aventura sociológica**: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

SARTI, C. **A família como espelho**: um estudo sobre a moral dos pobres. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2007.